

POR QUE FUTEBOL, ORGANIZAÇÕES E SOCIEDADE?

Antes de qualquer coisa, queremos deixar claro o motivo que nos guiou a envidar esforços para organizar esta edição temática: amamos futebol e não podemos viver sem sua presença. Simples assim!

Obviamente, há explicações importantes para que acadêmicos da área de administração denotem esforços para estudar o fenômeno futebol sob as mais diversas lentes e construtos teóricos, todas elas, admitimos sem pestanejar, secundárias em relação ao papel que representa em nossas vidas esse esporte em que “vinte e poucos seres ocupam-se em correr atrás de uma bola”, como diriam aqueles que não compreendem o que significa uma vitória de seu time contra o rival ou até mesmo um título ganho; sensações em verdade comparáveis a uma noite de amor com a pessoa amada e a um copo de cerveja bem gelado após uma ... partida de futebol!

Dentre esses fatores, certamente, figuram as implicações sociológicas do esporte, oficialmente trazido ao Brasil por Charles Miller, na conformação da própria sociedade brasileira do século 20, sobretudo na incorporação dos negros no espaço social a partir de sua ascensão no futebol, conforme sublinha Mário Filho¹, em sua obra seminal sobre o negro no futebol brasileiro. Fazem parte do cabedal de investigação de administradores e outros cientistas sociais, também, o atual estágio de mercantilização do futebol, refletindo a transformação do esporte na direção de entretenimento, tal qual um espetáculo de teatro ou a um show de circo. Ocorre que se isso, de um lado, pode ser benéfico à audiência que tende a desfrutar de maiores confortos em termos de instalações e acessibilidade aos estádios (ou arenas, conforme preferem muitos), por outro, sinaliza certa apreensão, na medida em que se observa em meio a esse contexto o surgimento de uma horda de consumidores, não raro em detrimento dos torcedores tradicionais das arquibancadas de cimento. O problema é que consumidores, como se sabe, devem permanecer comportados e não interferir no andamento do espetáculo, sobretudo, se proferirem expressões, digamos, de baixo calão, tendo como pena a ocultação do áudio nas mesas de edição das emissoras de TV que transmitem os jogos. Em adição, os “clientes” do futebol, além de serem mais exigentes com o produto consumido, se não gostam do espetáculo não retornam e não estão lá para gritar de maneira ensandecida quando a equipe mais precisa de seu apoio. Ficar em pé, pressionar o adversário, nem pensar, afinal pagam, e cada vez mais caro, para ter conforto. “Isso é coisa para aqueles marginais das torcidas organizadas”, dirão alguns. Tudo isso, em verdade, pode contribuir para minar o caráter inclusivo que permeia o futebol, em que pessoas de diferentes estratos sociais e de diferentes convicções se unem em torno de algo comum.

Esse processo de higienização e suas conseqüências sob o ponto de vista de organização podem mobilizar tanto acadêmicos debruçados em perspectivas instrumentais da administração, quanto estudiosos voltados às dimensões simbólicas do futebol. Os fenômenos mercadológicos decorrentes da paixão irracional pelo clube, se é que alguma paixão traz qualquer tino de racionalidade, constituem-se, igualmente, em temas fascinantes que merecem a atenção de gestores e pesquisadores. Com o advento da Copa de 2014 a ser sediada no Brasil, se, por um lado, o futebol pode engendrar os tão necessários investimentos em infra-estrutura ao país, por outro, a correição na aplicação dos recursos e a pertinência de determinadas inversões são fatores que preocupam, muito em função da imaturidade de nossas instituições e de nossas heranças

¹ Filho, Mário Rodrigues. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Maud/Faperj, 2007.

patrimonialistas, que insistem em sedimentar e cristalizar máximas do tipo: "aos amigos tudo, aos demais o rigor da lei", o que em si é uma bola quicando na cara do gol e pronta para ser chutada por pesquisadores ligados à administração pública.

Assim, na ambigüidade entre veneno e remédio, ecoando José Miguel Wisnik,

o futebol não é apenas a ocasião para estudar a sociedade à sua volta, mas um dos elementos nucleares nos quais pode se ler, num nível não-verbal, o fato irrefutável que o Brasil é uma droga, em toda a potência ambivalente da expressão: a substância que se caracteriza por ser ao mesmo tempo mortífera e salvadora, redentora e destrutiva, dividindo-se e repondo-se, sem se decidir, entre essas faces opostas².

Nessa linha, os artigos selecionados para esta edição, ao trazerem abordagens multifacetadas, corroboram o fato de que o futebol pode comportar vários olhares, desde aqueles mais gerenciais, aproximando a temática dos clubes de futebol ao mundo corporativo, atuando dentro da lógica empresarial, como, também, proporciona um olhar sociológico e político, e, ainda, permite uma visão lastreada na literatura. Tudo isto indica que estamos frente a um objeto plural, rico e complexo. Temos certeza que os recortes que o futebol proporciona não estão todos cobertos aqui nesta edição – a violência, por exemplo, é um tema recorrente nos últimos tempos. Por outro lado, temos também absoluta confiança que demos o primeiro pontapé na abertura de um espaço mais institucionalizado para trabalhar a temática na O&S. Quem sabe não teremos outra edição sobre futebol em breve?

Bem, fica nossa felicidade pelos artigos selecionados para publicação nesta edição especial, por contemplarem temas tão plurais, fornecendo um quadro abrangente e interessante para leitores das mais diversas correntes teóricas, de funcionalistas a radicais críticos, o que somente reforça o potencial do futebol em unir pessoas diversas, com preferências difusas.

Como este número especial é atípico, o que pode ser visto de antemão pela capa com a seleção brasileira de todos os tempos, seu processo de construção não foi menos heterodoxo, tal qual o brilhante Professor Luiz Gonzaga Belluzo, hoje presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, octa-campeã brasileira de fato e de direito, ao lado do Santos Futebol Clube. A fuga da normalidade, já ocorreu na Chamada de Trabalhos, quando os editores juntamente com o convite para envio de trabalhos, promoveram uma edição de músicas relativas ao futebol, embalando, assim, a leitura dos termos de referência da edição. Recebemos 17 trabalhos para avaliação, dos quais restaram 7, após o processo de *blind review*, seguido, inclusive, pelas contribuições individuais dos editores, que foram submetidos aos mesmos rigorosos critérios do inverno do processo de avaliação e seleção. Selecionar os *referees*, apesar de não ter sido tarefa fácil, foi algo extremamente motivante e prazeroso, pois pudemos estreitar laços com pessoas de nossa comunidade, alguns, inclusive, que não conhecemos pessoalmente. Nossos avaliadores, do Ceará ao Rio Grande do Sul, foram extremamente diligentes com os prazos e cuidadosos em suas análises; alguns deles, inclusive, entraram na dinâmica de unir o útil ao agradável e promoveram pareceres com passagens, de autoria devidamente não identificada, conforme ilustrado na passagem abaixo:

(...)O artigo tem todos os ingredientes para lograr êxito; no entanto, o autor não soube armar o time, e o texto apresenta-se sem ginga e sem conjunto. Cada setor (partes do artigo) está divorciado do outro, prejudicando a evolução e harmonia do texto. Infelizmente o artigo lembra o Brasil na copa de 1966 ou o ataque dos sonhos do Flamengo (Romário, Edmundo e Sávio) no ano do centenário. É uma pena, pois o técnico (o autor ou autores) dispôs de todos elementos necessários para armar um bom time: um objeto empírico (o clube X), uma problemática (a transição de clube para clube-empresa) e um

² Wisnik, José Miguel. *O futebol como veneno e remédio*. In: Sculler, F.; Axt, G. (org.). *Brasil contemporâneo – crônicas de um Brasil incognito*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006.

referencial teórico (teoria Y). Todavia não soube armar o esquema. Sugiro que o artigo seja devolvido para o autor, recomendando que ele deve procurar entrosar melhor as partes. Isto é, quando descreve o referencial teórico já situar o caso do Clube X. Nesta parte o texto ficou no reme-reme só com passes laterais, não observamos nenhuma antecipação ou projeção no ponto futuro como nos ensinou o saudoso carrossel holandês de 1974. O referencial teórico não faz o famoso um-dois (tabelinha) com o objeto empírico (...) Diante de tais argumentações, compreendo que, inexplicavelmente, o texto resultou em uma bola fora, mas não deve ser eliminado da competição. Considerando o elenco, penso que ele deva ir para repescagem e se o técnico aproveitar os palpites da imprensa e da torcida poderá ser uma boa surpresa nas fases seguintes do campeonato. Ou seja, o técnico deve encarar o elenco de frente e se dedicar na armação do conjunto para não ser surpreendido novamente (..).

Em meio a um espírito de conversa acadêmica de corredor, de café, ou de boteco, diga-se de passagem, catalisador de boa parte de nossa produção intelectual, é que tivemos a idéia de promover uma enquete para o processo de escolha da capa desse número especial, que como vocês já viram, remete à escalação da seleção brasileira de todos os tempos. Enviamos um questionário para autores dos artigos aprovados, avaliadores e entusiastas da O&S e obtivemos a estonteante taxa de retorno de mais de 80%, ajudando a elucidar o que realmente é prioritário na vida para nossa satisfação e, por que não dizer, alívio, uma vez que não somos os únicos doentes a deixar assuntos importantes para atender coisas não consideradas muito mais sérias, como é o caso dos assuntos futebolísticos. Isso é autenticado pela incrível rapidez das respostas, ainda que alguns respondentes tenham entrado em crise emocional e até mudado nomes de jogadores ao longo do processo. Confusões mentais também se fizeram notar como, por exemplo, chamar Luis Pereira de Luís Melodia, o talentoso compositor de Estácio, Holly Estácio, que talvez não jogue ou tenha jogado futebol profissionalmente. Tabulados os dados obtivemos o seguinte escrete dos sonhos dos cerca de 70 respondentes: Gilmar, Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia, Nilton Santos, Falcão, Didi, Pelé, Garrincha, Ronaldo e Rivelino, comandados por Telê Santana e com menção honrosa a Zico, um dos mais votados no agregado, razão pela qual numa justa homenagem, o Galinho aparece na foto como décimo segundo jogador. Ademais concorrer com Pelé chega a ser uma injustiça. Para matar a curiosidade, a equipe reserva ficou formada por Taffarel, Djalma Santos, Luis Pereira, Luizinho, Júnior, Clodoaldo, Gerson, Zico, Jairzinho, Romário e Pepe, sob o comando de Felipão. Como se pode ver, um time de respeito e, como sabemos, tantos outros jogadores ficaram de fora, porque não dá para formar apenas duas, mas três ou quatro, seleções de ouro³.

Pesquisadores adoram dados e fazem malabarismos com eles procurando descobrir tendências, confirmar hipóteses, descobrir normalidades. Assim, verificamos que, entre os respondentes - a idade média deles é de 48 anos -, a maioria se ateuve realmente aos jogadores que viram jogar, mas surpreende que Domingos da Guia tenha sido eleito; diga-se de passagem, uma grande justiça. Outros jogadores com atuação mais presente no pré-1958 (1ª conquista), também, foram mencionados: Friendreich, Barbosa, Pompéia, Leonidas, Tesourinha, Julinho, Canhoteiro. Deve-se registrar que os clubes que mais fornecem bons jogadores dessas seleções vitoriosas são Botafogo e Santos.

Evidentemente, as caricaturas de Felipe Sancho emprestaram um brilho especial a esta edição. Sem elas, o conjunto não teria o mesmo impacto que está tendo. Não só atendeu o artista nosso convite para fazer as caricaturas, mas, como manifestou o desejo de expor, por escrito, o entusiasmo sentido durante o seu processo criativo; o que segue ao final desta edição.

³ O terceiro time de acordo, com nossa enquete seria formado por Leão, Cafú, Mauro, Amaral, Branco, Zito, Sócrates, Tostão, Julinho, Leônidas, Eder, sob o comando de Zagallo

Feitas essas considerações mais lúdicas, vamos proceder, como fazemos habitualmente, com a breve apresentação dos artigos. Entramos em campo com o artigo de Marcio Silva Rodrigues e Rosimeri Carvalho da Silva, os quais abordam a estrutura empresarial nos clubes de futebol, confirmando a tendência de disseminação do comportamento empresarial em organizações da área cultural e esportiva. O artigo toma dois clubes como estudo de caso, Figueirense (SC) e Internacional (RS) e conclui que ambos adotam características estruturais referentes à obtenção de recursos financeiros, o que provocou mudanças, também, em aspectos teóricos, tais como complexidade e centralização.

A temperatura aumenta com a entrada do artigo de Sandro Cabral e Antonio Francisco A. Silva Jr. Apesar do antagonismo futebolístico dos autores, o primeiro torcedor do Palmeiras e do Esporte Clube Bahia, e o segundo adepto do Corinthians e do Vitória, as rivalidades são postas de lado para focalizar a alternativa das Parcerias Público-Privadas (PPP) para construção de estádios de futebol. Partem os autores de um estudo de caso, Salvador, recém-escolhida como uma das cidades-sede para a Copa de 2014, examinando os fatores de risco envolvidos, com especial enfoque para as incertezas de demanda. Com o auxílio da teoria de opções reais, os autores chegam a conclusões sobre os condicionantes que permitem a efetiva participação de atores privados para a viabilização do empreendimento.

Prossegue o jogo com o artigo de Lélis Balestrin Espartel, Hugo Fridolino Muller Neto e Ana Emília Mallmann Pompiani, os quais discutem a questão da fidelidade de um torcedor em relação aos dois rivais gaúchos: Grêmio e Internacional. A pesquisa trabalhou com os constructos satisfação, confiança, valor e lealdade. O público alvo foram estudantes universitários. Uma das causas encontradas para a fidelização, segundo os autores, está associada à tomada de decisões de caráter empresarial por parte dos dirigentes. Em meio à onda de "torcedores-consumidores", os autores questionam a capacidade de tolerar decepções por parte da massa de adeptos.

Aproxima-se o final do primeiro tempo, mas ainda temos tempo de chamar o artigo de José Coelho de Andrade Albino, Alexandre de Pádua Carrieri, Diego Figueiredo, Frederico Heitmann Saraiva e Frederico Luiz Ribeiro Silva Barros, que nos traz uma reflexão sobre o processo de constituição da identidade corporativa do Sport Clube Internacional, um dos primeiros clubes brasileiros a se tornar clube-empresa, logrando êxito neste intento. O artigo se volta para a discussão das ambigüidades dos papéis de clube e empresa usando entre outros referenciais a sociologia de Pierre Bourdieu, o que comprova, como afirmamos há pouco, que "futebol é coisa séria!".

Vamos agora para o intervalo, tempo merecido de descanso, entrevistas e dos comerciais (mas, não temos comerciais). Cumprido o intervalo, volta a O&S a campo com a contribuição de Frederico A. de Carvalho (botafoguense de quatro costados), Maria Cecília Pinto Marques e José Luiz Felício Carvalho (rubro-negro convicto). Os autores examinam o papel de redes interorganizacionais e a questão do poder e da dependência no futebol brasileiro. O passe, melhor dizendo, passo inicial do trabalho é identificar os atores envolvidos e examinar como ocorrem os relacionamentos entre eles. O papel preponderante da maior empresa de televisão nacional para a exposição dos clubes e das marcas de seus patrocinadores é trazido à tona, ressaltando o poder de barganha dessa organização e a dependência dos clubes aos condicionantes da emissora.

Jogo disputado. Há um clamor para uma maior cadência no toque de bola, hora exata para entrada em campo do artigo do rubro-negro doente (com o perdão do pleonasma) Bernardo Borges Buarque de Hollanda, com seu olhar sobre o futebol a arte e a política. O autor toma como cenário para sua análise a passagem do elemento catártico, com origem nos domínios do teatro, para o âmbito esportivo na vida contemporânea. Mostra o artigo, partindo do referencial aristotélico (confirmando, mais uma vez, a importância e seriedade do tema fute-

bol) como a representação dramática se desloca das artes cênicas para os esportes nos século XX. Vale-se, ainda, o autor de Brecht para fundamentar sua argumentação de combate à idéia do preconceito intelectual contra o futebol.

Estamos na metade do segundo tempo, resultado favorável. Mantendo o ritmo para conquistar os três pontos, adentra à cancha o artigo do santista José Antonio Gomes de Pinho, que por sinal suou bastante a camisa (como todos os outros autores/as), para produzir um trabalho que toma como base de reflexão as crônicas do polêmico Nelson Rodrigues sobre o futebol. Abrindo um diálogo com o artigo de Buarque de Hollanda, o autor de Vestido de Noiva afirmava que o intelectual que não gostava de futebol era um alienado, invertendo a ordem normalmente conhecida. O autor vale-se da profícua obra do cronista e, lastreado no referencial teórico do romantismo, situa a obra rodriguiana fazendo uma crítica da mesma. Ao final, de forma suplementar, traz o autor a contribuição de Roberto DaMatta, um rodriguiano a princípio, mas que, mais tarde, rompe com a visão do jornalista, apresentando elementos constitutivos da formação social brasileira.

Crepúsculo de jogo, torcida brasileira (e Viva Fiori Gigliotti!). Apesar do juiz já ter sinalizado o tempo de acréscimos, pudemos inserir o depoimento de Juvêncio Braga Lima, encomendado, de forma casual, à última hora quando se percebeu um veio interessante a ser explorado. Ainda contamos com a resenha do livro de Mário Rodrigues Filho, "O Negro no Futebol Brasileiro", produzida por Francisco Teixeira, único respondente a votar em Roberto Rebouças (quarto-zagueiro do Bahia na década de 70), para a seleção de todos os tempos.

A torcida pressiona pelo final do jogo, porém, há tempo ainda para um comercial que se refere à chamada de Trabalhos sobre Guerreiro Ramos, para uma edição especial da O&S, em breve. E fechamos a edição com o já mencionado depoimento do caricaturista Felipe Sancho.

Queremos agradecer, ainda, a Patrícia Teixeira que compilou os dados dos questionários e aprendeu muito sobre futebol.

Saudações Acadêmicas e, sobretudo, boleiras!

José Antonio Gomes de Pinho
Sandro Cabral

(Organizadores do número especial da O&S sobre Futebol, Organizações e Sociedade)

P.S. Pedimos nossas desculpas às pessoas próximas dos fanáticos por futebol, pois além de ter que dividir as atenções com os jogos nos estádios e na TV, terão que suportar a ausência dos entes queridos por conta da leitura da O&S Futebol!

Índice de Endogenia: 28,5% (2 artigos do programa local, NPGA, em um total de 7 artigos.

Índice de Endogenia acumulado do nº 42 ao 48: 17,4%.